



FACULDADE INTEGRADA DE PERNAMBUCO – FACIPE  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

JOSIANE VENTURA DOS SANTOS  
MARIA ELISÂNGELA NASCIMENTO PEREIRA

**MULHERES OSTOMIZADAS:  
Dificuldades em conviver com uma colostomia**

Recife  
2013

JOSIANE VENTURA DOS SANTOS  
MARIA ELISÂNGELA NASCIMENTO PEREIRA

**MULHERES OSTOMIZADAS:  
Dificuldades em conviver com uma colostomia**

Trabalho de conclusão de curso submetida à comissão examinadora do curso de Enfermagem da Faculdade Integrada de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc. Andréa Rosane Sousa silva

Recife  
2013



FACULDADE INTEGRADA DE PERNAMBUCO – FACIPE  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

JOSIANE VENTURA DOS SANTOS  
MARIA ELISÂNGELA NASCIMENTO PEREIRA

**MULHERES OSTOMIZADAS:  
Dificuldades em conviver com uma colostomia**

Trabalho de conclusão de curso submetida à comissão examinadora do curso de Enfermagem da Faculdade Integrada de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Enfermagem.

**Banca Examinadora**

---

Nome: Prof<sup>a</sup>. Msc. Andrea Roseane Sousa Silva

---

Nome: Carlos Eduardo

---

Nome: Rute Ivete

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Agradecemos a Deus, nosso companheiro nesta jornada, por se fazer presente em todos os momentos.

Aos professores, o apoio e ensino aliados à paciência, que nos foram dedicados nestes longos e árduos anos.

Aos familiares, e, amigos que estiveram nos acompanhando de mãos dadas compartilhando esta breve caminhada.

*Poema:*

*“...Ser ostomizado é muito mais que isto,  
é ser privilegiado por Deus por ter sido  
escolhido a viver novamente...  
Ser ostomizado é ser ‘humano’”.*

*Gisele Ribeiro de Lima*

## SUMÁRIO

RESUMO.....	1
ABSTRACT .....	1
1 INTRODUÇÃO .....	2
2 OBJETIVO GERAL .....	4
3 METODOLOGIA.....	4
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	5
4.1 Mulher ostomizada diante tantas modificações .....	5
4.2 Mulher colostomizada e seus desafios .....	6
4.3 Enfermagem e os cuidados com as colostomizadas .....	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	7
REFERÊNCIAS.....	8

**MULHERES OSTOMIZADAS:  
Dificuldades em conviver com uma colostomia**

**WOMEN OSTOMIZED:  
Difficulties of living with a colostomy**

Josiane Ventura dos Santos<sup>1</sup>

Maria Elisângela Nascimento Pereira<sup>1</sup>

Andrea Roseane Sousa Silva<sup>2</sup>

**RESUMO**

Sabe-se que a realização de uma colostomia modifica a vida do ser humano, em especial as mulheres. Este procedimento consiste na exteriorização temporária ou definitiva do cólon, para eliminação fecal e de secreções. Acarretando, assim, consequências corporais, psíquicas e comportamentais significativas para a vida das mulheres. O objetivo desta pesquisa foi descrever através da literatura, as dificuldades em conviver com uma colostomia para uma mulher ostomizada. A metodologia utilizada foi através da leitura de resumos, identificando o objeto estudado. As fontes de dados se fizeram por artigos direcionados para a gastroenterologia, mulheres colostizadas e indexados a BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), PAE (Programa de Assistência ao Ostomizado, Ministério da Saúde / Secretaria da Saúde do Estado de Pernambuco – HBL). A princípio os artigos foram analisados quanto à evolução histórica e comportamental, as complicações, e por fim, as alternativas na melhoria da qualidade de vida. Sendo estas relacionadas de acordo com as características individuais de cada paciente. Resultando em benefícios, para superar as complicações inerentes da colostomia. Logo, os resultados finais obtidos, concretizam o quão é importante a assistência para tal procedimento, nos serviços de saúde do Brasil. Contribuindo de forma relevante, na redução das complicações vivenciadas e tornando a convivência da colostomia, menos traumática e agressiva.

**Palavras chaves:** Colostomia. Mulher ostomizada. Doenças gastrointestinais.

**ABSTRACT**

It is known that the performance of a colostomy changes the lives of human beings, especially women. This procedure consists of temporary or permanent exteriorization of the colon for elimination and fecal secretions. Thus causing significant to the lives

---

<sup>1</sup> Graduandas do curso de Bacharelado em Enfermagem pela Faculdade Integrada de Pernambuco

<sup>2</sup> Orientadora, Docente da Faculdade Integrada de Pernambuco, mestre em enfermagem pela Universidade de Pernambuco.

of women bodily, psychological and behavioral consequences. The aim of this study was to describe through literature, the difficulties of living with a colostomy for an ostomy patient woman. The methodology used was by reading summaries, identifying the studied object. The sources of data were made by targeted articles for gastroenterology, women and indexed colostomy VHL (Virtual Health Library) (Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences) LILACS , SciELO (Scientific Electronic Library Online) , PAE (Ostomized Patients assistance Program, Ministry of Health/Department of Health, State of Pernambuco - HBL ) . At first the articles were analyzed to historical and behavioral evolution, complications, and finally, the alternatives in improving the quality of life. These complications according to the individual characteristics of each patient. Resulting in benefits to overcome the inherent complications of colostomy. Therefore, the final results, it is important to concretize how to care for such a procedure in the health services in Brazil. A major contributor in reducing experienced complications and making the coexistence of colostomy, less traumatic and aggressive.

**Keywords:** Colostomy. Woman ostomy. Gastrointestinal diseases.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de observações enquanto estudantes de Instituição do Ensino Superior, onde se observou o aumento da expectativa de vida das mulheres, que por sua vez, devido ao processo de industrialização e os efeitos da urbanização, adquirem inúmeros problemas de saúde (TOSATO; ZIMMERMANN, 2007). Dentre eles estão os gastrointestinais. Estes geralmente resultam na realização de uma ostomia (SONOBE; BARICHELLO; ZAGO, 2002).

A história das ostomias remonta ao século XII, quando Lorenz Heister descreveu danos no intestino de soldados feridos durante a Batalha de Malplaquet, que sobreviveram graças à realização de uma ostomia (FARIAS; GOMES; ZAPPAS, 2004). O termo ostomia tem origem na palavra grega stoma, significando abertura de origem cirúrgica, a fim de desviar, temporária ou permanentemente, o trânsito normal da alimentação e / ou secreções. Dentre os principais tipos de ostomia, merece destaque à colostomia, que se caracteriza pela exteriorização do cólon através da parede abdominal, com objetivo de eliminação fecal / secreções (GOMES *et al*, 2012).

A partir de meados do século XX até os dias de hoje, ocorreu uma grande evolução nas técnicas cirúrgicas utilizadas na realização de ostomias, nos equipamentos e dispositivos disponíveis. É possível encontrar uma grande diversidade de placas e bolsas coletoras, que visa se adaptar cada vez mais às

necessidades das mulheres ostomizadas (CASCAIS; MARTINI; ALMEIDA, 2007). Embora, na maioria das vezes a confecção destas busque salvar vidas, ainda comportam inúmeras e variadas adaptações que impõem outros problemas adicionais (TOSATO; ZIMMERMANN, 2007). Desta forma as pacientes se beneficiam com maior conforto e uma melhora na sua qualidade de vida (FARIAS; GOMES, ZAPPAS, 2004).

Já o aspecto negativo mais enfatizado pelas colostomizadas, está relacionado ao uso da bolsa de colostomia. Esta representa uma breve mutilação sofrida, e tem relação direta com a perda da sua capacidade produtiva (CASCAIS; MARTINI; ALMEIDA, 2007). Sendo assim, muitas pacientes ocultam sua condição, temendo serem estigmatizadas (FARIAS; GOMES; ZAPPAS, 2004). Além das mudanças nos padrões de eliminação, dos hábitos alimentares, de higiene, e, na adaptação ao uso do equipamento (NASCIMENTO *et al*, 2011). E, também para não ficarem expostas a uma série de constrangimentos sociais, devido à possibilidade da saída dos gases, e, vazamento dos excrementos decorrentes da inexistência do controle voluntário. Pois, há a possibilidade de apresentar falha na qualidade e na segurança da bolsa coletora, causando medo da exposição em público dessas pacientes (NASCIMENTO *et al*, 2011).

Para que o colostomizado possa definir qual o caminho seguir ou mesmo a quem recorrer, este necessita de uma rede de apoio ou suporte social que permita encaminhá-lo para a resolução de seus problemas após alta hospitalar, uma vez que muitos se queixam do tratamento recebido em casa, que se torna muito vago, seja por falta de informação repassada pelos profissionais, ou receio de lidar com tal procedimento (SONOBE; BARICHELLO; ZAGO, 2002).

Neste contexto, cabe ao Enfermeiro como profissional de saúde, identificar e compreender demais alterações, com intuito de amenizar o sofrimento, buscando alternativas na melhoria de vida dessas mulheres, que podem contar ainda com o PAE (Programa de Assistência do Estomizado) do Ministério da Saúde, que visa à integração e reabilitação pós-ostomia, através da assistência de uma equipe interdisciplinar. Com distribuição de bolsas coletoras e produtos adjuvantes para o tratamento do colostomizado, utilizado em diversos estados do país com diretrizes próprias de suas estruturas.

A presente pesquisa iniciou-se com a principal preocupação em analisar uma parte da sociedade, composta especificamente por mulheres submetidas ao

procedimento de colostomia. Em que fora necessário, conhecer como ocorre a adaptação da mulher diante da colostomia. Bem como as situações preconceituosas, sentimentos adversos e demais alterações vivenciadas em seu cotidiano.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Identificar na literatura científica a percepção das clientes ostomizadas quanto às principais dificuldades em conviver com uma colostomia.

## **3 METODOLOGIA**

À opção metodológica, seguiu-se uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva. Segundo Oliveira (1997) o estudo descritivo procura abranger os aspectos gerais de um contexto social, de forma a ampliar sua compreensão (FARIAS; GOMES; ZAPPAS, 2004). Trata-se de um método de revisão específico a partir de pesquisas bibliográficas, envolvendo literatura empírica e teórica. Essas pesquisas foram realizadas nas seguintes bases de dados: BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Eletronic Library Online).

Os critérios de inclusão foram: livros, artigos em português, textos completos em suporte eletrônicos publicados entre os anos de 2004 a 2012. Como critérios de exclusão temos teses, anais de congressos e conferências, relatórios técnicos e científicos, documentos ministeriais, artigos em língua inglesa e espanhola.

Foi encontrado um total e depois de uma análise minuciosa utilizou-se de acordo com os critérios de inclusão, nove trabalhos. Como descritores, optou-se por: “mulheres ostomizadas”, “colostomia”, “doenças gastrointestinais”, “autocuidado”, “imagem corporal”.

Dessa forma, os artigos foram analisados através do método de análise de conteúdo, onde a etapa de exploração do material foi desenvolvida a partir da transcrição dos resultados e trechos relevantes, com referência dos autores e análise sintética dos textos. Finalizando na etapa de interpretação dos resultados, com observações sucintas, existentes sob a ótica de autorias diferentes.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da análise dos artigos utilizados à elaboração deste trabalho, emergiram três categorias:

### 4.1 Mulher ostomizada diante tantas modificações

O corpo é um sistema energético que está em constante interação com seu meio ambiente. E o corpo que somos depende de complexas ligações entre o eu e o mundo social. É também uma experiência psicológica centralizada nos sentimentos e comportamentos do indivíduo, sendo influenciado pela autopercepção e na interação com o mundo externo (MARTINS; SILVA, 2006). Os estudos enfatizam que, superando o choque inicial e passando o período de adaptação, a maioria das portadoras de ostomia pode levar uma vida normal. Devendo a respeitar alguns princípios de higiene e utilizar materiais adequados que lhes deem a segurança que necessitam (GOMES *et al*, 2012). No entanto, a maioria das ostomizadas, não gosta de viver com a colostomia (FARIAS; GOMES; ZAPPAS, 2004).

Tal procedimento decorre em consequência, na maioria das vezes, provenientes de patologias gastrointestinais, causas acidentais e armas de fogo. Caracteriza-se pela exteriorização do colón através da parede abdominal, com o objetivo de eliminação fecal (GOMES *et al*, 2012).

A paciente colostomizada ao se deparar com o estoma no pós-operatório, passa a lidar com essa nova realidade. Quando são suscitados vários sentimentos, reações e comportamentos diferentes e individuais de acordo com as características e dos suportes encontrados por ela, além da perda vivida (SONOBE; BARICHELLO; ZAGO, 2002).

A pessoa ostomizada, comumente sente-se diferente das demais, e até mesmo excluída havendo uma tendência ao isolamento social como forma de diminuir sua exposição e vulnerabilidade. Isto decorre do fato que todo ser humano construir ao longo da vida, uma imagem do seu próprio corpo, que se ajusta aos costumes, ao ambiente que vive. Enfim, que atende suas necessidades para se sentir situada no próprio mundo (GOMES *et al*, 2012).

Através da educação, a mulher colostomizada adquire conhecimentos que vão torná-la consciente de sua situação. Onde poderá optar, decidir e relacionar-se

num aprendizado contínuo. Este processo deve ser direcionado conforme a necessidade da paciente, sendo uma vinculação entre o profissional (Enfermeiro) e o cliente, reconhecendo-o como ser criativo e comprometido, e criador de novas expectativas para impulsionar e contemplar o físico, o psicológico, o social e o espiritual (MARTINS; SILVA, 2006).

#### **4.2 Mulher colostomizada e seus desafios**

Após o primeiro momento da realização de uma colostomia, as pacientes referem diversas dificuldades. Como principal, merece destaque a troca da bolsa, e a higiene com as mesmas, não poderia ser diferente, pois é algo novo que elas começam a ter que enfrentar, devido a isso, principalmente no início, quando passam por uma fase de adaptação e ansiedade, e o medo do desconhecido sobressai (TOSATO; ZIMMERMANN, 2007).

Cuidar diretamente da ostomia e seus acessórios significa uma etapa difícil para as pacientes que precisam manipular diariamente as próprias fezes (GOMES *et al*, 2012). Ainda se referem à adaptação em encontrar a bolsa mais adequada ao seu tipo de pele, como também a realizar a higiene e a troca frequentemente. Que também proporciona a retirada das camadas protetora da pele, provocando hiperemia e erosões (TOSATO; ZIMMERMANN, 2007). O uso da bolsa coletora, ainda causa a preocupação com os gases e o odor de fezes. À possibilidade de vazamento e ao desconforto físico, se dá uma grande preocupação com a alimentação. Esta consiste em evitar alimentos que provoquem gases, diarreia ou que aumente o desconforto, como alimentos crus e frutas principalmente.

Relatam também ser difícil reassumir a atividade sexual, tanto pela vergonha da sua nova imagem, como por complicações cirúrgicas, com relação ao parceiro (GOMES *et al*, 2012). Quanto às atividades de lazer e recreação, são consideradas passivas quanto ao ato de ir ao cinema, assistir à TV, ler, entre outros que não é habitual haver alteração. Contudo, no que se refere às atividades ativas como viajar, realizar algum tipo de esporte ou esforço físico, o mesmo não se verifica devido à insegurança ou problema físico (CASCAIS; MARTINI; ALMEIDA, 2007).

Muitas procuram manter secreta sua condição, temendo serem estigmatizadas. Isso afeta as relações sociais e objetivas, em que se tornam necessárias a intervenção de profissionais da saúde para problematização da

situação e formulação de estratégia que visem à reconstrução da autoimagem e da autoestima das clientes (GOMES *et al*, 2012).

### **4.3 Enfermagem e os cuidados com as colostomizadas**

A interpretação da experiência de ostomizados ocorre por meio de um processo experiencial, reflexivo e de ressignificação de seu conhecimento relacionado ao seu próprio corpo. Nesse processo cada um passa a entender que seu corpo comporta outras significações, além do seu aspecto físico e biológico (SOUZA *et al*, 2011). Portanto, tendo em vista os múltiplos aspectos que envolvem a reabilitação do indivíduo portador de ostomia, os cuidados de enfermagem às colostomizadas, devem se iniciar da indicação da realização da cirurgia, buscando assim minimizar o sofrimento e obter melhor adaptação (TOSATO; ZIMMERMANN, 2007).

A resolução das dificuldades depende dos recursos internos da colostomizada e do suporte social fornecido pela família, pelos profissionais e pela estrutura de atendimento gerenciado. Para tanto, a compreensão do universo vivido pela paciente torna-se imprescindível para implementar a assistência de enfermagem especializada (SONOBE; BARICHELLO; ZAGO, 2002).

No entanto, verifica-se que a vaidade continua, buscando conciliar a nova forma de viver ao seu estilo próprio, principalmente a mudança em seus hábitos alimentares. Procura controlar a evacuação, diminuir a eliminação de gases e minimizar o cheiro das fezes. Algumas conseguem voltar às atividades que exerciam antes da ostomização (GOMES *et al*, 2012).

Acredita-se que a compreensão das mulheres ostomizadas a partir de relatos de suas vivências, possa proporcionar aos profissionais de enfermagem uma perspectiva ampliada para orientar a orientação de um cuidado apropriado, visando o desenvolvimento de atividades educativas permanentes, individuais e em grupos, para facilitar a adaptação das colostomizadas, por meio de uma assistência qualificada (NASCIMENTO *et al*, 2011).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste estudo, podemos compreender as dificuldades vivenciadas por

mulheres ostomizadas diante da colostomia, em que foi evidenciada a presença de modificações significativas no seu modo de viver. Onde a maior dificuldade esta relacionada ao uso e tipo de bolsa de colostomia, a troca destas, como também o aprendizado da realização da higiene. Ressaltando também as alterações fisiológicas gastrointestinais, da autoestima e alterações da imagem corporal. Existem ainda várias questões relacionadas aos aspectos do cotidiano, que representa um grande desafio para adaptação na nova condição de vida.

Sendo assim algumas pacientes apresentam mais facilidades para adaptar-se nesta forma de viver que outras. Estas vivem uma situação solitariamente por não se adaptarem de forma alguma, causando-lhe insegurança, vergonha, medo, revolta, isolamento social, rejeição por parte do parceiro, prejudicando seu convívio e reinserção social. Verificou-se ainda que as dificuldades vivenciadas pode ser amenizada de acordo com apoio familiar, do parceiro e trabalho junto à equipe multidisciplinar, onde o Enfermeiro, como educador, tem o papel fundamental para ajudar no enfrentamento destes problemas.

A orientação da equipe multidisciplinar é primordial para o desenvolvimento do autocuidado, promovendo desta forma independência e adaptação para as pacientes ostomizadas. A importância de um serviço especializado para educação e acompanhamento no pré-operatório e no pós-operatório deve ser intensificado nos serviços públicos e privados de saúde.

Frente a estas constatações, conclui-se que a colostomia resulta um significativo impacto na vida destas pacientes, afetando de uma maneira geral seu modo de vida. Porém favorece uma qualidade de vida, possibilitando a reconstrução de sua autoimagem e autoestima de acordo com a individualidade das mesmas.

## REFERÊNCIAS

CASCAIS, A. F. M. V.; MARTINI, J. G.; ALMEIDA, P. J. S. O impacto da ostomia no processo de viver humano. **Texto contexto – Enfermagem**, v. 16, n. 1, Florianópolis, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072007000100021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072007000100021&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FARIAS, D. H. R.; GOMES, G. C.; ZAPPAS, S. Convivendo com uma ostomia: conhecendo para melhor cuidar. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/1702>>. Acesso em: 12

ago. 2013.

GOMES, C. *et al.* Ser mulher estomizada: percepções acerca da sexualidade. **Revista Eletrônica Semestral de Enfermaria**. n. 27, Jul. 2012. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v11n27/pt\\_clinica2.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v11n27/pt_clinica2.pdf)> Acesso em: 12 ago. 2013.

MARTINS, E. E.; SILVA, S. S. **O cliente colostomizado**: modos de ver e perceber o seu autocuidado. Trabalho de conclusão do curso de Enfermagem pela Universidade do Vale do Itajaí. Baguaçu, 2006. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Elizandra%20Martins-Sonia%20Silva.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

NASCIMENTO, C. M S *et al.* Vivência do paciente estomizado: uma contribuição para a assistência de enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 3, set. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072011000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000300018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

OLIVEIRA, S.L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

POTTER, Patrícia A. **Fundamentos de enfermagem**: eliminações intestinais. 7. ed. São Paulo: Elsevier Editora Ltda, 2009.

SALES, A. P. *et al.* Sentimentos de pessoas ostomizadas: compreensão existencial. **Revista Escola de Enfermagem – USP**, v. 44, n. 1, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342010000100031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100031)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

SILVA, M. S. M. L. **Vivências de mulheres ostomizadas**: contribuições para o planejamento e cuidado de enfermagem. SOBENDE (Associação Brasileira de Enfermagem em Dermatologia), 2009. Disponível em: <[http://www.sobende.org.br/estudos/l%20ESSBA\\_2009/Trabalho%2046.pdf](http://www.sobende.org.br/estudos/l%20ESSBA_2009/Trabalho%2046.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

SONOBE, H. M.; BARICHELLO, E.; ZAGO, M. M. F. A visão do colostomizado sobre o uso da bolsa de colostomia – INCA – Instituto Nacional do Câncer, **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2002. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_48/v03/pdf/artigo2.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_48/v03/pdf/artigo2.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2013.

SOUSA, C. F.; BRITO, D. C.; BRANCO, M. Z. P. C. Depois da colostomia... Vivências das pessoas portadoras. **Enfermagem em Foco (Revista oficial do Conselho Federal de Enfermagem)**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em:

<<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/213>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

SOUZA, P. C. M. *et al.* As repercussões de viver com uma colostomia temporária nos corpos: individual, social e político. **Rev. Eletr. Enf.** v. 13, n. 1, p. 50-59, jan/mar 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v13i1.7928>. Acesso em: 25 ago. 2013.

TOSATO, S. R.; ZIMMERMANN, M. H. Conhecimento do indivíduo ostomizado em relação ao autocuidado – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), **Revista Conexão UEPG**. v. 2, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3850>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

VIOLIN, M. R.; SALES, C. A. Experiências cotidianas de pessoas colostomizadas por câncer: enfoque existencial. **Revista Eletrônica de Enfermagem – Universidade Federal de Goiás**, 2010. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/v12/n2/pdf/v12n2a08.pdf](http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n2/pdf/v12n2a08.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.